

JORNAL DE GARVÃO

Nº 29 - Verão de 2023

1.00 Euro

<http://garvao.blogs.sapo.pt/>

O ESCONDERIJO de José Júlio da Costa Pag. 13



BUSTO DE MÁRMORE Descoberto nos "Franciscos" - Arzil Pag. 3



PELOURINHO de GARVÃO Pag. 8



LIVRO *Garvonesa - Reencontro com a História* de: Ricardo Guerreiro Pag. 4



GARVÃO na Rota dos Caminhos de Santiago Pag. 6

NUCLEO MUSEOLÓGICO EM GARVÃO Pag. 10



LIVRO *Câmara de Garvão - Livro do Tombo* - Pag. 4

Livro da Misericórdia e da Irmandade do Espírito Santo Pag. 5



Editorial

A MULTIPLICIDADE dos CAMINHOS

É difícil ouvir falar de “um Garvão” que não assuma uma perspectiva de divisão contaminada de pseudo-interesses tacanhos.

Deve-se acreditar, acima de tudo na diferença, na multiplicidade de opiniões e vontades, como suplemento vitamínico e gerador de escolhas para uma vila mais próspera e saudável.

O desconhecimento, a falta de visão, a falta de ambição, o fechamento sobre si próprios – face ao desconhecimento do exterior - defendido em surdina por alguns, seja face às restantes regiões que nos rodeiam, seja face a um mundo muito maior, cheio de oportunidades, conhecimentos e ideias, leva a uma perigosa ignorância, estagnação e degradação das instituições culturais e sociais.

É preciso recusar-se a pensar que por cá não existem pessoas cultas, com conhecimentos e visões, que na Vila não existem leitores seguidores de José Saramago, de Fernando Pessoa, de Florbela Espanca, de Eça de Queirós, Agostinho da Silva ou Camões, que por aqui não existem cinéfilos seguidores de Woody Allen, Chaplin, Oliver Stone ou Michael Moore, ou fãs incondicionais de pintores, músicos, historiadores ou filósofos.

É preciso recusar-se a pensar que por cá não existem pessoas que se destacaram como profissionais, nas várias áreas a que se dedicaram, ou militares que exemplarmente, progrediram nas suas carreiras, que por cá não existem pessoas que se destacaram na área da medicina, ou na engenharia e arquitetura, nas ciências agrónomicas ou na educação, cujos contributos em muito contribuiriam para o progresso desta nossa terra.

Falamos de diferentes olhares, de “um Garvão” que nos foge debaixo dos pés, de um excessivo que nos cega e que, muitas vezes, nos afasta do que realmente somos e precisamos, culturalmente, economicamente e socialmente, com a participação cívica e contributos reais para o desenvolvimento deste território. Mas, contudo, uma susceptibilidade quase subliminar face ao desconhecido continua a marcar comportamentos. Aqui mesmo, onde as opções particulares continuam a vigorar e a dominar, face ao interesse colectivo, continua-se a assistir a fronteiras invisíveis e muitas vezes, a cair no erro de privilegiar interesses próprios.

Do cimo desta falsa altivez, o contributo surge por vezes, na forma de uma massa crítica inconsciente, sem forma, formato ou feitio. Os resquícios da diáspora alentejana fazem-se sentir precisamente cá dentro e não lá fora, com residentes regionalizados e meros simpatizantes da visão do próprio umbigo sem levantar a cabeça, tentando, contudo, mostrar aos outros, demagogicamente, as virtudes duma palestra cheia de falsas promessas que, depressa, se esquecem fora dos períodos eleitorais.

Mini-Distritos

Comparar hoje os modernos municípios aos concelhos dos nossos primórdios, pouco encontraríamos do espírito povoador e defensivo que animou a atribuição dos primeiros forais às povoações recentemente conquistadas à moirama, pelo contrário as várias alterações que o reordenamento do território tem forçado, ao longo da nossa história, em muito têm alterado o cariz povoador e até mesmo igualitário inicial.

Não se revêem os actuais municípios neste espírito, mais do que simples concelhos, são de facto mega-concelhos, tanto em termos territoriais, como em termos administrativos, pela concentração dos serviços governamentais, (Sede Concelhia, Repartição de Finanças, Conservatórias, Notário, Bancos, Tribunais e forças de segurança pública), comportam-se mais como mini-distritos do que, propriamente, como Sede Concelhia de várias povoações.

Se o despovoamento das vilas e aldeias do interior afectam de uma forma geral todas as povoações rurais, incluindo as próprias sedes dos concelhos, afecta de maneira significativa as sedes de freguesia. Sem meios financeiros e depauperadas dos seus rendimentos para fazerem fase ao despovoamento progressivo, assiste-se a uma dramática desproporção entre a taxa de nascimentos e falecimentos e a uma incapacidade de se implementar mecanismos de defesa contra a desertificação humana ou apoios na fixação das populações às terras.

Presentemente, as liberdades individuais sobrepueram-se aos interesses colectivos, não só a propriedade privada é sinonimo de progresso, como, por outro, os baldios como terras colectivas, são considerados como exemplo do atraso da nossa agricultura. A ilusão da liberdade individual; o isolamento enfraquecido e o direito individual isolado em relação à força da comunidade, reveste de hipocrisia os modernos conceitos de liberdade e não deixa de ser um descrédito para o actual sistema político.

O isolamento do individuo, em relação à sociedade organizada enfraquece as reivindicações locais e dilui-se no acto enganador do voto individual num sufrágio que se quer universal.

Se a liberdade se manifesta pela intervenção eleitoral da população, com capacidade de voto, na escolha dos seus governantes, não se pode deixar de ignorar que aquela que está mais próxima das massas populares, - a eleição para a Junta de Freguesia, é aquela que tem menos poderes. De facto, os poderes, executivos e orçamentais, da Junta de Freguesia, aquela que a população mais sente, compreende e participa mais empenhadamente, são praticamente nulos ou reduzidos à própria existência, sem qualquer poder de decisão ou de veto nas questões que, directamente, a afectam.

A liberdade poderá estar garantida pela participação popular na escolha dos governantes, tanto ao nível local como nacional, mas está incapacitada, à nascença, tanto pela restrição dos poderes dos órgãos autárquicos locais, como no acesso do cidadão às decisões que lhe dizem directamente respeito, tanto pessoal, profissional ou financeiro, como ao nível da comunidade onde reside.

JORNAL DE GARVÃO

Publicação Anual. Ano da Fundação: 1994.

Largo D. Afonso III, 7670-125 Garvão

Editor: José Pereira Malveiro.

Colaboradores: José Daniel Malveiro, Francisco José Alves.

APOIOS: - Câmara Municipal de Ourique

- União de Freguesias de Garvão e Santa Luzia

Publicado: Ao abrigo da lei de imprensa, 2/99 de 13 de Janeiro, artigo 9º nº 2.

Registado: No Instituto Nacional de Propriedade Industrial: Marcas e Patentes.

<http://garvao.blogs.sapo.pt>

NOTA: Qualquer assunto de interesse relacionado com Garvão, enviar para jpmg6767@gmail.com

DIVULGAÇÃO COMERCIAL: Toda a divulgação comercial, inserida neste jornal, não está sujeita a pagamento.



BUSTO DE MÁRMORE

Atribuído a *Agripina Menor*

Descoberto nos "Franciscos" -Arzil

Em 1908, no *Archeólogo Português*, José Leite de Vasconcellos, (1) menciona um busto em mármore, possivelmente de Agripina Menor, descoberto nos "Franciscos" e guardado no Museu Regional Rainha Dona Leonor, em Beja.

Na freguesia de Garvão, concelho de Ourique, na margem esquerda da ribeira dos franciscos, fica a herdade do mesmo nome, onde esteve em Março de 1909.

Em volta do monte há grande quantidade de tégulas, de ladrilhos, de imbrices, em fragmentos, e alicerces de um edifício antigo que já estava soterrado, mas que tem sido várias vezes excavado pelos sonhadores de tesouros, à busca de riquezas. Disse-me-me que apareceu lá um busto marmóreo que está hoje no Museu de Beja.



Haveria aqui uma povoação romana, ou simples villa? Só com excavações se poderá responder à pergunta. (2)

Pela maneira como estão tratadas as pregas do vestuário, particularmente as do manto sobre o ombro esquerdo, lembra a Agrippina Minor de Milreu, por estas características e pela forma do busto, a peça pode datar-se da época de Cláudio(3) e a comparação das dobras do manto, sobretudo as dobras do casaco no ombro esquerdo, leva a tecer comparações com as de Agripina Menor.

O busto está vestido com uma túnica e um manto caído sobre os ombros, as dobras das roupas superior e inferior são separadas, umas das outras, por furos profundos e a espécie de cunha, na parte inferior do busto, servia para fixá-lo numa base.

1- Vasconcellos, José Leite. (1908). Antigualhas.

2- Restos Romanos. O Archeologo Português, XIII, 1-6, Lisboa, p. 351-352.

3- O Imperador Romano que governou de 24 AC até 54 DC.

Dos "Franciscos" veio igualmente uma estela epigrafada Romana.

De recordar, igualmente, a descoberta, nesta propriedade de uma estela epigrafada romana, já amplamente divulgada por este Jornal e Blog e pelos Doutores Rosa Varela Gomes e Mário Varela Gomes, na revista *Conimbriga*, XXIII (1984).

“A Herdade dos Franciscos é um dos latifúndios da freguesia de Garvão, situando-se apenas a cerca de 1km a sul desta vila. Administrativamente, pertence ao concelho de Ourique e ao distrito de Beja. O monumento funerário agora dado a conhecer, foi descoberto avulso, numa extensa zona da herdade onde se observam ruínas, talvez de um vicus, ou de uma *villa rustica* e de onde provêm outros materiais do período romano.”

“Caetano Beirão e José Olivio Caeiro procederam ali a escavações de emergência, numa área que iria ser

afectada pela construção do prolongamento da EN 123, identificando-se na altura restos de estruturas habitacionais e materiais romanos que abrangem um período situado entre os séculos I e III d.C.”

“A estela dos "Franciscos" é, pois, um importante monumento, atribuível ao séc. II ou ao início do século III d.C., cuja forma e realização se integra, como vimos, no tipo de lápides encontradas no Sudoeste Alentejano (concelhos de Aljustrel, Ourique e Almodôvar), embora o seu conteúdo mantenha estreitas ligações com a epigrafia do Noroeste, sobretudo no plano onomástico, para o qual encontrámos paralelos maioritariamente no *Conventus Bracarensis*.”



Café Central

Manuel Bárbara dos Reis

Comidas e Dormidas

Telef. 286 555 113

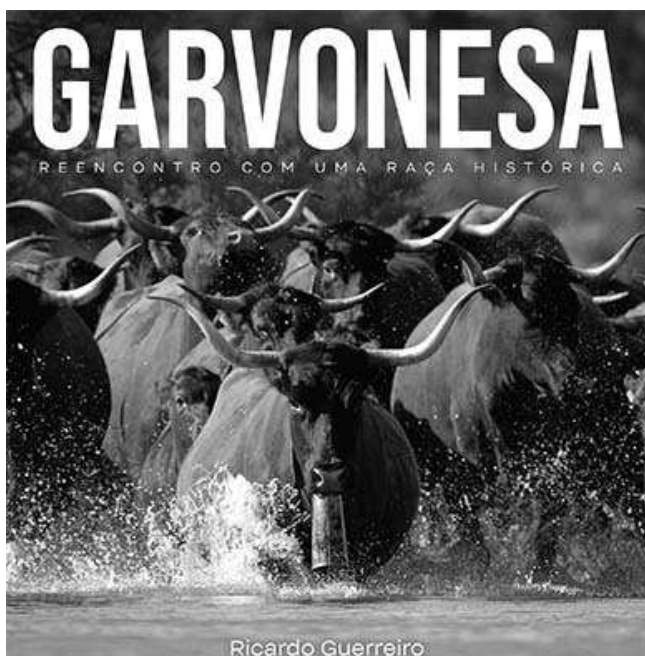
Lg. da Amoreira, 3 – GARVÃO



LIVRO

Garvonesa - Reencontro com a História

de: Ricardo Guerreiro



Em 12 de Maio, por ocasião da Feira de Garvão, concelho de Ourique, teve lugar o lançamento do livro “Garvonesa - Reencontro com uma Raça Histórica”, da autoria do nosso conterrâneo Ricardo Guerreiro.

Este livro é o culminar de um trabalho desenvolvido por Ricardo Guerreiro, ao longo de 10 anos sobre a raça Garvonesa.

Nele, o autor procura mostrar uma “coleção de pequenas narrativas visuais acompanhadas de legendas curtas, em que o leitor é guiado por alguns enredos simples que desvendam comportamentos, peculiaridades e ligações destes animais com o meio onde habitam”.

Trata-se de um livro que reúne cerca de 90 imagens da raça Garvonês. Uma raça histórica, que já esteve em vias de extinção, mas que conseguiu sobreviver.

Nas palavras do autor este livro retrata o gosto que teve, desde a infância pelo gado bovino e revela o comportamento dos animais em vários cenários.

Este livro teve o patrocínio da Câmara Municipal de Ourique e contou com o apoio da Associação de Agricultores do Campo Branco, da EDIA e da Ruralbit.

LIVRO DO TOMBO DO CONCELHO DE GARVÃO

Pretende-se, com a publicação do livro do *Tombo do Concelho da Villa de Garvão*, dar a conhecer este documento tão importante para o estudo deste antigo concelho medieval e dar continuidade a uma série de estudos sobre esta vila, cuja génese se encontra num período anterior à nacionalidade e cuja importância mereceu, depois da consolidação territorial, a atribuição da Carta de Foral em 1267, no reinado de D. Afonso III.



Esta publicação, contribui em promover e divulgar os estudos locais, no seguimento de outros trabalhos anteriores sobre os vários aspectos históricos desta vila, entre outras edições que pretendem valorizar a sua história local e o património cultural deste antigo concelho.

Esta edição do *livro do Tombo do Concelho da Villa de Garvão* é mais um contributo para o reforço da identidade cultural, da narrativa ancestral desta terra e sobre as raízes históricas de Garvão.

O documento que aqui se estuda é um documento fundamental para o conhecimento da estrutura agrária do concelho de Garvão nos princípios do século XIX. Trata-se, essencialmente, de um registo dos bens concelhios e dos contratos sobre a exploração agrícola, da posse e exploração da terra, factos que vão desde os bens inalienáveis, como a própria casa da Câmara, o Açougue e os poços públicos entre outros, até ao domínio individual e pleno, de uma larga área de terras agrícolas utilizadas pelos habitantes do concelho.

Menciona, também, a descrição e medidas dos edifícios camarários e símbolos da autonomia concelhia, nomeadamente: *Casas da Câmara*, no Largo da Praça; *Pelourinho*, igualmente no Largo da Praça; *Poço da Praça*, como o próprio nome indica; *Casas do Açougue*, perto do Largo da Praça, na Ladeira do Padre e o *Curral do Concelho*.



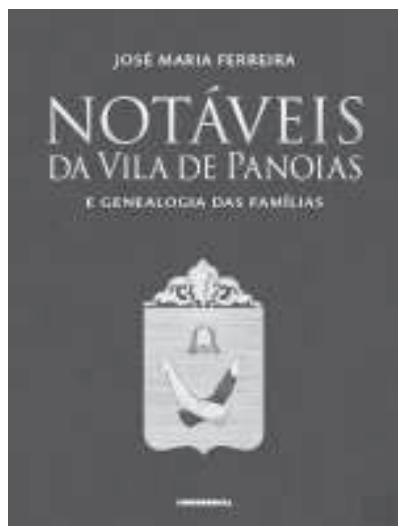
LIVRO

Notáveis da Vila de Panoias e Genealogia das Famílias de: José Maria Ferreira

José Maria Ferreira nasceu no dia 29 de Agosto de 1954, em Panoias, uma vila situada no coração do antigo Campo de Ourique, no seio de uma família de pequenos lavradores alentejanos. Frequentou a Escola Primária na sua terra natal nos anos de 1961 a 1966. Concluídos os estudos primários, ingressou no Liceu Nacional de Beja e concluiu o Curso Geral e Complementar no Liceu Nacional do Barreiro.

Foi durante 45 anos funcionário dos Caminhos de Ferro Portugueses. Apesar de muito tempo afastado, nunca esqueceu a sua terra e as gentes que o viram nascer, sempre embebido daquele sentido nostálgico que o fazem reviver aqueles tempos de infância passados na sua terra natal, mas, sempre, na esperança de um dia a ela poder voltar. Dedicou-se à investigação a fim de escrever a história da sua terra, considera-se um autodidata, que na busca constante da verdade, nunca deixará de ser um eterno aprendiz.

Autor do livro "Foral da Vila de Panoias", publicado em 2012, para assinalar os 500 anos da atribuição do foral à vila de Panoias, um grupo de cidadãos naturais da vila, decidiu viabilizar esta edição comemorativa do documento numa versão fac-símile do único exemplar original existente, na Casa Forte dos Arquivos Nacionais/Torre do Tombo, em Lisboa.



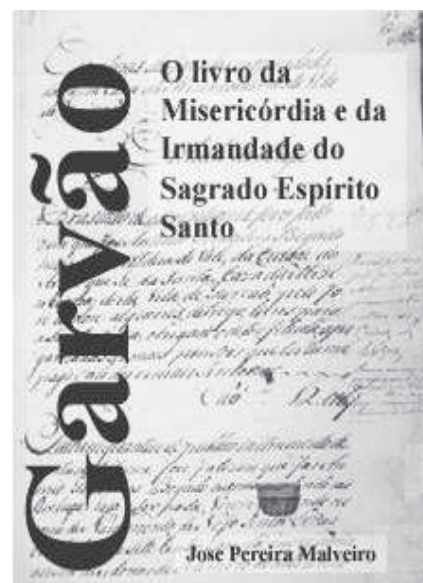
LIVRO DA MISERICÓRDIA E DA IRMANDADE DO ESPÍRITO SANTO

A memória popular, na vila de Garvão, remete-nos para a existência da Santa Casa da Misericórdia nesta vila, onde uma das artérias é denominada, precisamente, por Rua da Misericórdia, ignorando, contudo, a existência de uma outra confraria na vila, denominada por Irmandade do Sagrado Espírito Santo.

Apesar da menção à Capela do Espírito Santo, no *Diccionario* de Pinho Leal de 1873 e de outros *Diccionarios Geographicos*, que se lhe seguiram, a tomada de conhecimento desta Irmandade deveu-se à descoberta deste livro, - *da Misericórdia e do Sagrado Espírito Santo* - o qual, não só nos dá a conhecer a sua existência, mas igualmente as intrincadas relações sociais e económicas nestas vilas do interior alentejano, nos séculos precedentes à revolução liberal da centúria de 1800 e às sucessivas alterações posteriores que ditaram o fim destas instituições.

Este documento, com a data mais antiga de 21 de dezembro de 1609, encontrava-se, por alturas das cheias de 5 de novembro de 1997, na sede da Junta de Freguesia de Garvão.

Devido à inundações de que a Junta de Freguesia foi alvo, ficou praticamente destruído e a sua escrita ininteligível, valendo, as fotocópias tiradas anteriormente pelo autor e copiadas do livro agora editado que servem para o estudo, não só da Misericórdia e da Confraria do Sagrado Espírito Santo, mas também constitui um valioso contributo para a história e conhecimento da vila de Garvão, das suas gentes, famílias, herdades e outros bens de raiz, lugares, hábitos e costumes.



ANTÓNIO
VENDA E ASSISTÊNCIA TÉCNICA
Radios e Televisoes
Telef. 286 555 111
GARVÃO

Cont. N.º
901 697 621

MANUEL BARTOLOMEU ROMÃO, HERD.ª
ARMAZENISTA e DISTRIBUIDOR
Telef. 286 555 120 — Telef. / Fax 286 512 848
E.N. 123 KM 47 8
OURIQUE



GARVÃO

na Rota dos Caminhos de Santiago

Foi, recentemente, colocado, no Largo da Palmeira, um expositor com informação sobre a *Rota dos Caminhos de Santiago*, passando um dos percursos pela vila de Garvão.

Os vários Caminhos de Santiago, continuam a ser uma das rotas mais antigas percorridas na Península Ibérica e da Europa. A Santiago de Compostela chegavam caminhantes, andarilhos e peregrinos, desde a reconquista cristã deste território.

Perante a ocupação muçulmana da Península, no século VIII e numa altura de difícil acesso aos tradicionais destinos da peregrinação cristã, (Roma e Jerusalém), levavam muitos peregrinos a Compostela.

Da mesma forma que os muçulmanos tinham a sua peregrinação a Meca, os cristãos também passaram a ter a sua peregrinação a Santiago de Compostela na Galiza e se nas batalhas, os mouros invocavam Maomé, os cristãos passaram a chamar por Santiago, “o matamouros”.

Contudo, convém realçar que os relatos sobre a evangelização da Península por São Tiago são manifestamente tardios e impossíveis de confirmar. A ausência de informações concretas sobre as origens da penetração do cristianismo nesta zona, deu lugar a uma série de mitos e de tradições.

Segundo uma tradição lendária, no século IX, na Galiza, um eremita de nome Pelaio, anunciou uma revelação, que tivera enquanto dormia, sobre um túmulo contendo umas relíquias que foram de imediato veneradas e associadas ao apóstolo Santiago e sobre aquele túmulo viria a ser erguida a Catedral de Santiago de Compostela.

INFORMAÇÃO NO EXPOSITOR

A “Via Atlântica” é uma variante do Caminho Português Central do qual se desvia em Castro Verde ao encontro do Atlântico em Porto Covo, a “Finisterra” do Alentejo!

Desde o Campo Branco de Castro Verde, onde o 1º rei de Portugal terá travado a lendária Batalha de Ourique contra os exércitos muçulmanos, a 25 de Julho de 1139, o caminho prossegue por trilhos ancestrais imersos na

ruralidade e no montado alentejano com passagem em Ourique, Garvão e Cercal, encontrando o mar e percorrendo a Costa Vicentina entre Pessegueiro, Porto Covo e Sines – porto de escala do caminho Marítimo de Santiago – retornando ao Caminho Português Central em Santiago do Cacem.

Na senda dos itinerários da Reconquista cristã a sul do Tejo, liderada pelos Freires Cavaleiros da Ordem de Santiago, atravessamos os territórios das antigas Comendas da Ordem e observamos o importante património histórico-religioso dedicado à devoção a



Santiago na sua figuração de mítico guerreiro dos exércitos cristãos.

Percorrer o Caminho Via Atlântico é uma viagem de descoberta gerada pela história e devoção, mas também pelo maravilhoso Alentejo do lado onde abraça o Mar!

“Garuan” é Vila milenar cuja ocupação remonta à Idade do Ferro e à qual os ocupantes árabes deram o nome actual, daquela que era “Aranni” para os romanos. Foi o Mestre da Ordem de Santiago D. Paio Peres Correia, conquistador dos Algarves, que atribui foral no século XIII a este importante polo do itinerário onde, desde tempos imemoriais, se cruzavam várias estradas e vias que faziam a ligação entre o Norte e Sul do território.



A URGÊNCIA

de uma intervenção Arqueológica no "Cemitério Medieval de Garvão"

Esta intervenção arqueológica teria por objetivos, não só proteger este conjunto do desmoronamento de paredes, do pisoteio do gado e de charruagens cada vez mais fundas, mas igualmente, pôr a descoberto as estruturas funerárias que têm aflorado à superfície, relacionadas com a necrópole medieval em torno da primitiva Igreja Matriz de Garvão, assim como proceder ao estudo do espólio material e osteológico resultante dos enterramentos ali efectuados, em torno e dentro do templo referido e, após a sua ruína, causada pelo terramoto de 1755, quando o espaço foi reaproveitado como cemitério da vila, até ao princípio do século XX.

De notar que durante algum tempo se identificou os vestígios, ainda presentes no local, como sendo da Igreja do Sagrado Espírito Santo. Esta conclusão, deveu-se ao facto de as outras igrejas situadas em Garvão e mencionadas nas fontes escritas, estarem identificadas. Se as fontes históricas falam em quatro igrejas e faltando na Vila a do Sagrado Espírito Santo, os vestígios encontrados junto ao cemitério Velho, só poderiam corresponder a esta Igreja, reforçado, ainda, pelo facto de junto ao local se terem encontrado uma pia de água benta, estelas funerárias medievais e três fechos de abóboda, (que afinal correspondiam ao galilé que protegia o portal manuelino da Igreja Matriz).

Contudo segundo informação do Doutor António Martins Quaresma¹, os vestígios que se encontram presentemente junto ao Cemitério Velho, corresponderiam à primitiva Igreja Matriz de Garvão e o templo onde se encontra a actual Igreja Matriz, seria a Igreja do Sagrado Espírito Santo. Tal mudança deveu-se ao facto do estado de ruína em que ficou a primitiva Igreja Matriz, no seguimento do terramoto de 1755, segundo informação do referido historiador.

*(...) de 1755, que o terramoto desse ano causou graves danos no edificio, ainda mais lastimáveis porque ele havia sido reparado há pouco, com grande desvelo do prior. Em consequência, os fregueses recusavam-se a ouvir missa no seu interior, temendo derrocadas. (ADE, Câmara Eclesiástica de Évora, SC-L, L. 60, cx.18, fl. 50) (...).*²

(...) Alfim, por volta de 1832, deu-se o abandono definitivo da velha e arruinada matriz de Garvão e a passagem das

*respectivas funções para a da Misericórdia, que, lembremo-lo, fora por sua vez a antiga ermida do Espírito Santo e ocupava uma posição muito mais central no contexto urbano (...). (AHMO, Correspondência recebida, AC 9/01, Ofício de 4 de Junho de 1857).*²

Teriam de ser abertas várias sondagens, tanto no interior como no exterior da área murada que resultaram na identificação, registo e recolha igualmente dos materiais aflorados à superfície, nomeadamente as mencionadas estelas funerárias medievais, de madeiras, fragmentos de couro, ilhoses em metal e outros artefactos relacionados com os enterramentos.

Enquanto os materiais recolhidos no exterior do perímetro muralhado são na sua maioria estelas medievais, (século XV, tanto anteriores como posteriores), já no interior deste teremos enterramentos até 1937, altura em que foi inaugurado o Cemitério Novo na Sardoa.

Estes elementos associados às informações documentais permitiram ainda a identificação de estruturas pertencentes à mencionada Igreja. Quanto às estruturas é possível identificar várias paredes e respectivos contrafortes, incluindo uma porta entaipada, que foi posteriormente integrada e acrescentada nos muros de delimitação do espaço funerário.

O espólio material recuperado, para além das mencionadas estelas funerárias, inclui vários objectos de adorno pessoal, fragmentos de contas,

botões em vidro, metal e madrepérola, alfinetes, anéis e não raramente moedas, sobretudo dinheiros da primeira dinastia e ceitis cunhados entre meados do século XV e o final do reinado de D. Manuel I e outras moedas datadas do século XX encontradas por particulares.



Desenho de Estela Funerária descoberta na parede do Cemitério Velho de Garvão³

¹ O Doutor António Martins Quaresma, é licenciado e doutor em História. Tem realizado uma vasta investigação histórica, em particular sobre o Litoral Alentejano, divulgando a história e o património cultural locais e tem publicado, em livros, artigos e actas de encontros e seminários, uma já longa lista de títulos.

² Cortesia do Doutor António Martins Quaresma.

³ MALVEIRO, José Daniel. *Estelas Medievais do Distrito de Beja*. Volume I e II. Janeiro, 2013. Dissertação de Mestrado em Arqueologia, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa.

**Padaria MARTINS**
Rua de Ourique, 22
de: Joaquim Martins Moreira Costa
Telems. 926 005 930 - 936 347 021 - GARVÃO

PADARIA VITÓRIA
Joaquim Rosário Guerreiro
Telef. 286 555 133
Rua Nova, 3 - 7670-141 GARVÃO



O PELOURINHO de GARVÃO

Segundo informação do Doutor António Martins Quaresma:

“Num tombo da câmara de Garvão, de 1826, encontra-se uma descrição do pelourinho, que acho interessante.

Envio-lha, com o resto do que escrevia já, para poder comparar com o que tem no quintal.”

Na Praça, hoje, Largo D. Afonso III, encontrava-se a casa da Câmara, o poço da Praça e o Pelourinho. Este, segundo um tombo de 1826, estava implantado:

(...)quazi no meio da Praça do lado do poço para o poente em huma piramide feita de pedra e cal, lageada com pedras pardas, e tem tres degráos, que diminuem gradualmente, estando no meio do ultimo o pelourinho, que he de pedra mármore redondo com sua simalha quadrada, e em cima desta huma piramide mais delgada e da mesma pedra marmore, que serve de padrão desta villa, e nelle se afixarem os papeis que lhe mandão publicar [...] acharam que em cada lado do dito [primeiro] degráo tem trez varas¹, e que he quadrado (...).

A vara era uma unidade de medida de comprimento antiga, utilizada até à introdução do sistema métrico. Tinha, sensivelmente, a medida de 1,10 metro.

Ainda segundo o Doutor António Martins Quaresma, "a descrição permite

vislumbrar uma imagem, sem pormenores, do pelourinho. A plataforma, de três degraus de alvenaria lajeada de pedra escura, tinha planta quadrangular. O fuste era liso e o capitel, de faces quadrangulares, era encimado por elemento piramidal, tudo de mármore.”

Esta informação permite visualizar o que seria o Pelourinho de Garvão e desenhar a imagem reproduzida.

Sobre a existência do Pelourinho em Garvão, vários autores a ele se têm referido, nomeadamente Pinho Leal na sua obra, "Portugal Antigo e Moderno", publicada em Lisboa, entre 1873 e 1890 e de todos os outros dicionários *Chorográficos* e *Históricos*, publicados posteriormente.

Como símbolo da autonomia concelhia, estava edificado no centro da Vila e diante dos Paços do Concelho no Largo da Praça, hoje denominado Largo D. Afonso III.

A memória do povo sobre a existência física deste monumento, era nula, resumindo-se, unicamente, a algumas pessoas de idade avançada que, em 1974, se lembravam de algumas pedras espalhadas pelo largo e que iam sendo levadas pelos populares para as mais diversas obras particulares, sem, contudo, precisarem a sua proveniência ou as relacionarem com o monumento em causa.

Várias dessas peças encontram-se em casas particulares, nomeadamente, uma coluna incompleta, estando ainda por identificar se faria de facto, parte do Pelourinho ou seria o par da coluna romana que se encontra na Rua do Álamo.



Desenho do Pelourinho de Garvão, segundo a descrição no livro do Tombo do Concelho de Garvão.

Auto de Vistoria, Medição, Confrontação e Tombação do Pelourinho

Anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de mil outo centos vinte e seis, aos nove de maio nesta Villa de Garvão, e sitio da Praça da mesma sendo ahi o Doutor Joaquim José Nabuco, cavaleiro professo na Ordem de Christo, do desembargo de sua Magestade Fidelissima seu Dezembargador da Relação da Bahia com exercicio no Lugar de Corregedor e Provedor desta Comarca, comigo Escrivão, os medidores Romão Estevens, e António Pedro Malveiro, e Porteiro Silvino Gonçalves: logo o dito Ministro passou a fazer vistoria no Pelourinho desta villa, e achou, se achava quasi no mesmo, digo quasi no meio da Praça ao lado do Poço para Poente em huma Piramide feita de pedra e cal lageada com pedras pardas e tem tres degraus, que diminuem

gradualmente, e tendo no meio do ultimo o Pelourinho, que he de pedra marmore redondo com sua simalha quadrada, em cima desta huma Pirâmide mais delgada, e da mesma pedra momo, digo pedra mármore, que serve de Padrão desta Villa, e nelle se afixarem os papeis, que se mandão publicar, e mandou aos Medidores fizessem mediação no primeiro degrau, o que sendo, o acharão, que em cada lado do dito degráo tem trez varas, e que he quadrado, e sendo presente o Procurador do Conselho, Joaquim Afilhado, disse, nada tinha a requerer; à vista do que o dito Ministro houve a presente vistoria, Mediação, Medição, Confrontação, e tombação e mandou fazer este auto, que com os Medidores, Procurador, e Porteiro assonou: Eu Joaquim Tomé Rapôso o escrevi e assinei.

Nabuco

Joaq. Tomé Rapôso, Romão Estevens

Antº Pedro Malveiro

Do Portº Silviº Ghª

Restaurante Martins
Bairro Novo da Sardoá
Lote 38

Padaria Martins
Rua de Ourique, 22

de
Joaquim Martins Moreira Costa
7670 Garvão
Tel.s - 936 347 021 e 932 592 913

ALUMIGARVÃO
Carlos Silva & Silva, Lda.
Tlm. 934 059 158
Caixilharia de Alumínio e Madeira
Montagem de Estores
Portões Basculantes e de Fole
Tectos Falsos Orçamentos e Deslocações Grátis
Tel./Fax 286 555 164 - Rua Nova 25-B - GARVÃO



JOSÉ MATTOSO

Morreu dia 8 de Julho
de 2023

Morreu aos 90 anos o historiador José Mattoso, figura máxima da historiografia portuguesa, nascido em 1933 na cidade de Leiria; foi uma das principais referências do país no que respeita ao estudo das origens de Portugal e à história da Idade Média em Portugal.

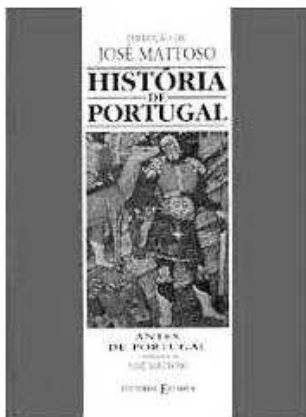
Mestre de muitos e intelectual como poucos, deixou uma obra fecunda e diversa, certamente, indispensável, para compreender o passado medieval e a construção do país actual, mas sobretudo, decisiva pela consciência da fragilidade do conhecimento humano e pela necessidade de o refazer a cada instante, numa tarefa coletiva, atenta aos outros e ao desenvolvimento de um pensamento crítico e complexo, mas profundamente livre.

Foi antigo monge beneditino, tendo permanecido durante vários anos no mosteiro de Singeverga, em Santo Tirso, antes de trocar a vida monástica pela investigação histórica. A própria vocação, levou-o ao interesse pela Idade Média, em busca das origens da vida monástica, nos séculos VI a XV.

José Mattoso foi uma das maiores referências do estudo das origens de Portugal e da Idade Média. Entre 1996 e 1998 foi o diretor da Torre do Tombo.

Especializado na história das ordens religiosas e da aristocracia nos séculos X a XIII, José Mattoso foi o autor de uma vasta obra, em que se incluem livros fundamentais como *Identificação de um País* (1985) ou as coletâneas - *História de Portugal* e *História da Vida Privada em Portugal*.

O presidente da Assembleia da República, Augusto Santos Silva, escreveu no *Twitter* referindo que “a morte de José Mattoso é uma enorme perda para a ciência e cultura portuguesa, mas que fica o seu exemplo de vida e a sua interpretação histórica de Portugal, que continuarão a iluminar-nos.”



**HISTÓRIA de
PORTUGAL**
Direcção de José
Mattoso

FAMÍLIAS COM HISTÓRIA Família *Corrêa*



É uma das mais antigas e ilustres famílias portuguesas, a sua genealogia pode traçar-se, documentalmente, desde épocas bastante recuadas; a ela pertenceu D. Frei Peres Correia, que foi mestre da Calatrava. É de admitir que o seu nome nascesse das armas que usavam desde pelo menos a segunda metade do séc. XIII.

Esta linhagem começou em D. Soeiro Pais Corrêa, filho de D. Paio Ramires, (rico-homem do Rei D. Afonso VI de Castela), o qual, embora fosse português, residiu sempre na Corte deste soberano. D. Soeiro Pais casou com D. Urraca Soares, filha de Soeiro Guedes e neta de D. Gueda e Velho, e teve filhos pelos quais se propagou o apelido. O solar da família dos Correias era no couto de Farelães, junto de Braga.

O ramo dos Correias que conservou o senhorio do couto de Farelães - e que, por isso mesmo, eram designados por Correias de Farelães - aliou-se à linhagem dos Aguiar e comemorou tal ligação heraldicamente, tendo passado a usar outras armas.

Outro ramo, veio ligar-se com os Atouguias pelo casamento e, deste modo, herdar o senhorio de Belas, pelo que passou a usar as armas daquela linhagem, com o timbre da sua.

Subsistem, na actualidade, algumas famílias que mantêm o uso da grafia antiga, Corrêa; desde cedo se situaram alguns elementos desta família no Alentejo, onde ainda subsistem em várias vilas e lugares.

Drogaria Carapinha

De: Rui Nuno Gonçalves Carapinha

REDES - TINTAS - RAÇÕES
CEREAIS - FERRAMENTAS - ETC

Tel. 286 555 441

Tlm. 936 337 373

Rua Nova, 28 - GARVÃO



MÁRIO VELHARIAS - ANTIGUIDADES

938 241 910

GARVÃO - E.N. 123



NÚCLEO MUSEOLÓGICO EM GARVÃO

Numa entrevista à Rádio Castrense em 2/2/2023, Leandro Oliveira, Secretário da União de Freguesias de Garvão e Santa Luzia, divulgou a criação de um Núcleo Museológico em Garvão.

A União de Freguesias de Garvão e Santa Luzia, lançou uma empreitada de obra para a criação do Núcleo Museológico de Garvão.

Desta obra, resultará um espaço de trabalho, de exposição, de interpretação e de valorização daquele que é um património da freguesia, da região e do País: o Depósito Votivo de Garvão.

A criação deste espaço, acontecerá em parceria com o Município de Ourique, por via do Centro de Arqueologia Caetano de Mello Beirão. Esperemos iniciar esta obra o quanto antes, certos de que será uma mais-valia para a União de freguesias de Garvão e Santa Luzia e para o Concelho de Ourique

Leandro Oliveira, (Secretário da União de Freguesias), realça que a criação deste espaço, em parceria com o Município de Ourique; *"vai ser construído em breve, e será uma mais-valia para a promoção do espólio do Depósito Votivo de Garvão"*.

Este projeto, consiste na criação de um núcleo museológico.

Garvão é uma vila histórica e com algum passado arqueológico, tem o Depósito Votivo e este tipo de núcleo Museológico serve para expor as peças e os achados em Garvão e que estão em Ourique, mas que pertencem a Garvão e nós achamos por bem e uma vez que foram encontrados em Garvão estejam expostos na vila.

Nós achamos que a criação deste projeto possa atrair visitantes à Vila de Garvão e ao Concelho de Ourique dinamizando o turismo aqui na vila e no concelho, porque é no Museu que vai estar toda a história

de Garvão ou alguma história de Garvão, e nós achamos que é importante, não só apoiar os próprios habitantes que muitas das vezes não o sabem em concreto, mas também para quem pretende visitar a Vila".

O Núcleo Museológico de Garvão visa, sobretudo, preservar os objetos arqueológicos mais importantes deste local, contribuindo para o desenvolvimento e promoção da cultura.

De lembrar que na encosta do Castelo, descobriu-se uma enorme quantidade de peças em cerâmica, no decurso dos trabalhos de abertura de valas para o saneamento básico da Vila de Garvão.

Devido à enorme quantidade de cerâmica partida, foram imediatamente interrompidos os trabalhos de saneamento básico, e em final de Maio de 1982, o Serviço Regional de Arqueologia do Sul, na pessoa do seu director, Caetano de Mello Beirão, conjuntamente com Carlos Tavares da Silva, Joaquina Soares, Mário Varela Gomes e Rosa Varela Gomes, iniciaram os trabalhos de prospeção arqueológica em Junho

desse ano, tendo sido publicado, posteriormente, o relatório da intervenção arqueológica, in: "O Arqueólogo Português, série IV, volume 3: Depósito Votivo da II idade do Ferro de Garvão, Notícia da primeira campanha de escavações".

Chegou-se à conclusão de se tratar de um depósito votivo, da 2ª idade do ferro, do século IV/III A.E.C. Segundo a notícia da primeira campanha, no Depósito Votivo armazenavam-se as oferendas atribuídas a uma divindade, ou divindades, cujo templo se situaria nas imediações do depósito, servindo este, como armazém das peças oferecidas, por falta de espaço no próprio Templo.



**Antigos Paços do Concelho de Garvão
Local do Futuro Núcleo Museológico**



MUSEU

Estático ou Dinâmico?

As marcas da história continuam vivas na paisagem e na cultura da Vila de Garvão.

O desafio actual consiste em saber aproveitar e gerir esta herança, de forma a contribuir, significativamente para um progressivo desenvolvimento deste território.

Garvão, não é apenas uma riqueza histórica e um misto de lendas em bruto, ou uma peça do passado, por descobrir, mas um símbolo de referência e identidade, na área da Cultura, História e Arqueologia da região.

A promoção cultural e turística da Vila de Garvão não pode centrar-se, única e exclusivamente, nas promessas eleitorais em tempos de eleições, nem tampouco, por deficiência de planeamento e estratégia cultural, num visitante ocasional ou mesmo num turismo volátil.

Embora comecem a ser debatidas a ocupação e requalificação dos espaços públicos devolutos ou mal aproveitados, a criação de um núcleo museológico multipolar pode ajudar a estimular a criação de um conjunto de serviços adequados a níveis de exigência e qualidade, facultando assim a atração, interesse e interação do público, em geral e da população local, em particular.

Torna-se necessário a participação de elementos que habitualmente, ficam nas suas margens e, assim, reforçar a própria ideia de participação da população nas atividades, uma vez que as memórias e conhecimentos das pessoas adultas

são de enorme importância para obter resultados que satisfaçam a procura de identidade e autenticidade.

Assim, várias questões se colocam:

- Será a criação deste museu um polo dinamizador, para a uma efectiva pesquisa arqueológica em Garvão?

- Em que medida estaremos perante um lugar atractivo, criativo, dinâmico e com atividades pedagógicas, criando um ambiente propício à aquisição de conhecimento?

- O que é que está previsto em termos de exercício interdisciplinar e de participação entre a narrativa do museu e as abordagens teóricas de outras áreas do conhecimento e a sua inclusão em redes de museus mais vastas?

Parafrazeando "o Guia dos Museus do Baixo Alentejo é um roteiro que de forma sintética nos dá a conhecer os seus ex-líbris, museus imperdíveis que assinalam uma marca identitária de cada lugar.

Museus do Baixo Alentejo é presenciar e testar humanidade, é aventura, ensejo e descoberta.

É mundo, morada, narrativa que é caminho percorrido de geração em geração, é evolução, conhecimento e saber. É experimentar a brisa livre do ar que respiramos, escutar e testemunhar toda a sua envolvente panorâmica. A memória, os registos da História, são primordiais para o entendimento dos nossos comportamentos no passado, na atualidade e para com saber idealizarmos o Futuro".

Garvão: Na Revista Al-Madam

Era assim que em 2001, a revista Al-Madam, se referia ao estado de abandono em que se encontrava o Depósito Votivo e as respectivas escavações associadas.

Doze anos depois, parece que pouco mudou.

Garvão: Uma aldeia de sol e moscas.

Podia não ser.

A arqueologia do Cerro do Forte já provou o potencial arquitectónico que espera exploração (no justo sentido do termo); o depósito dá para dez Museus (ou dá só para uma vitrina do Museu Nacional); e que se faz? Nada. Rigorosamente nada desde 1988 ou 89. Apesar de, entretanto, haver arqueólogos com inteira disponibilidade para um projecto, que estão limitados a pequenas escavações (vítimas do

obstrucionismo do IPA); apesar de um Presidente de Câmara mediático (virado para outras bandas); apesar da urgência da intervenção, do ponto de vista museológico.

Ninguém faz nada, de vez em quando mandam-se uns bitaites. Garvão é o espelho da política de salvaguarda e valorização do Património Arqueológico Português?

Casinhas castrejas e Itinerários Arqueológicos à parte, é bem capaz de ser.

In: RAPOSO2001sitiosarqueologicos

TASÇA
MAGANA

TAKE AWAY
Bacalhau à Brás
Hamburguer
Omelete

Contacto p/ encomendas:
961 464 238



CARPINTARIA CONVERSA

EXECUTAM-SE TRABALHOS EM ALUMÍNIO

- * Portas
- * Janelas
- * Marquises
- * Estores
- * Portões
- * Corrimões

Jorge Bento
964 173 005

Garvão - Ourique



O ESCONDERIJO

de José Júlio da Costa

Segundo informação de Tiago Maia, da povoação de Malta, (freguesia de Malta e Canidelo, Concelho de Vila do Conde), corre a história que José Júlio da Costa esteve, durante algum tempo, escondido numa casa na localidade de Malta.

José Júlio da Costa, no seguimento da sua prisão depois de ter cometido o atentado que vitimou o presidente da república Sidónio Pais, viria a ser solto pelos autores da “noite Sangrenta” em 19 de Outubro de 1921.¹

Sobre o local ou locais para onde foi levado e onde esteve escondido, têm surgido várias informações, nomeadamente Rocha Martins nas páginas dos seus Fantoques onde dá conta que José Júlio da Costa foi, primeiramente, levado para Nine, perto de Braga, e posteriormente, terá ficado escondido noutras localidades no Norte do País.²

Surge agora, como já se afirmou, a informação de que esteve igualmente escondido numa casa da povoação de Malta, no Concelho de Vila do Conde e sobre o assunto Tiago Maia refere o seguinte:

A casa em questão é cá conhecida como a Casa do Moreira da Quinta, que no início do séc. passado pertencia a José Moreira da Quinta. Atualmente pertence a descendentes deste. Já falei com eles, mas o que sabem é apenas que o assassino de Sidónio Pais esteve lá escondido num saguão³ ou numa mina de água que já não existe.

Provavelmente porque o tal José Moreira da Quinta simpatizava com a causa. Já falei com várias pessoas de mais idade na freguesia, incluindo o meu avô, mas apenas contam a mesma história.

No romance, Psiché, do escritor Fernando Campos que passou a sua infância nesta freguesia, umas personagens do livro passam uns dias nesta Casa do Moreira da Quinta e numa conversa mencionam a mesma história que aqui transcrevo. Este livro é a história romanceada do avô materno do autor.

Também já falei com a filha de Fernando Campos, mas também



Casa em Malta - Vila do Conde. Onde José Júlio da Costa esteve escondido

não sabe de mais nada.

“Enquanto se pôs a executar uma valsa de Chopin ouvia o cunhado a dizer:

- No saguão desta casa se escondeu por vários dias o assassino de Sidónio Pais. Dizem os que na altura passavam na estrada verem um homem embuçado recolher-se, vindo de estranho vagabundear noturno, e, antes de entrar, virar-se para a igreja ameaçando-a com o punho fechado e os olhos a fuzilarem cóleras.”

A casa fica na Rua de Igreja, n.º 126, Malta, Vila do Conde.

Envio também em anexo fotos da casa. Antigamente era revestida a azulejo verde, mas hoje em dia expuseram a pedra durante o último restauro. As fotos antigas são de procissões e vê-se a casa ao fundo.

¹ A “Noite Sangrenta”, episódio ocorrido entre o dia 19 e a madrugada de 20 outubro de 1921, encheu de horror a opinião pública nacional e internacional e marcou o futuro da I República de forma irreversível; nesse dia um grupo de sublevados recolheu numa camioneta e são assassinados, vários heróis do 5 de Outubro de 1910, incluindo Carlos da Maia e Machado Santos.



Procissão da Festa de Santa Apolónia em Malta - Vila do Conde, com a casa ao fundo.

Uma das primeiras preocupações dos golpistas foi a libertação de José Júlio da Costa nesse mesmo dia, que se encontrava “internado” no Hospital Miguel Bombarda, por um grupo de 300 civis armados que, segundo informações da época, ter-se-ão dirigido ao referido hospital e o terão levado para o Centro Republicano António Maria Baptista, onde lhe prestaram homenagem antes de seguir para lugar incerto no Norte do país

² José Pereira Malveiro. *O Famigerado Herói do crime Grande da Estação do Rocío*, 2018.

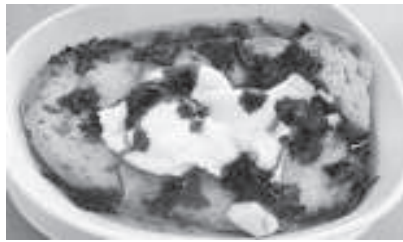
³ Saguão - Espaço aberto entre duas alas do mesmo edifício para permitir a claridade e ventilação, geralmente sem saída.



Procissão da Festa de Santa Apolónia em Malta - Vila do Conde, com a casa ao fundo.



AÇORDA ALENTEJANA



Quem é que não gosta de Açorda?

Alentejana, claro.

Com pão de trigo. Como é óbvio!

Porque o pão alentejano já está abastardado.

Já com uns diazitos. Mas nada de paposecos ou pão de Mafra.

E, com água do poço, fria, fresquinha, pesada, com sabor ferrenho.

Porque a da torneira sabe a cloro, a mofo e, e, e ...!

Com azeite puro, do lagar, esverdeado, daquele que teimosamente, não escorre da garrafa.

Porque o da loja está filtrado e parece óleo.

Ah... e alhos da horta, pisados, nada de espremedor de alhos ou de alhos secos em pó que vêm em canudos de plástico e é só borrfifar.

E, claro, os coentros (não se enganem e não ponham salsa), tal como os alinhos, da horta, criados, também, com água do poço, de preferência ferrenha.

E se não for pedir demais, os ovinhos, um para cada freguês se houver, se não houver esmaga-se um e provam o caldinho, também de galinha criada no campo a alimpaduras, minhocas ou farelos, (não lhes dêem farinha industrial, carregada de hormonas, senão estragam tudo).

Não ponham cebola, nem grão-de-bico, senão saí uma açorda afrodisíaca. Pelo menos é o que diz o Tratado Árabe do Amor, *O Jardim Perfumado*.

A normal pitada de sal grosso, porque o fino não sabe a sal; uma colher de alumínio e umas talhadas de toucinho frito e, e, ... apanhá-la!!

Chamemos-lhe Açorda ou se quisermos impressionar os amigos chamemos-lhe Çorda, do Árabe Andaluz *thorda*, (não se esqueçam que o *th* em árabe lê-se *ç* e ponham o *a* como em azeite *az-zayt*, ou açúcar *as-sukkar*).

Comida sacra - as freiras e frades adoravam-na, principalmente, depois do jejum.

Comida de profetas - Maomé adorava-a. Não fosse afinal o seu bisavô que a inventou.

Comida de reis - D. Afonso II adorava-a (não há referências, mas tinha o cognome de gordo).

Comida para todos.

Seja açorda *cega* ou rica, conforme os acompanhamentos, (com bacalhau ou pescada).

Está aí para ser saboreada e durar.

FESTA DE SÃO BARÃO

A Igreja de São Barão, situada sensivelmente a meio caminho da estrada entre Ourique e Aldeia das Amoreiras, é um antigo local de peregrinação, seguido de extenso arraial que juntava as populações das terras e montes vizinhos até praticamente a meio do século XX, tendo indo perdendo progressivamente afluência a partir daí, com um total desconhecimento das gerações actuais.

São Barão, (ou Varão segundo algumas fontes), tem a particularidade de não fazer parte do panteão católico. A sua origem terá de se procurar noutras culturas que marcaram a paisagem alentejana, conjuntamente com outros santos e santas não reconhecidos pela igreja católica e que se encontram amiúde nestas terras alentejanas.

Excerto do livro SUL e SUESTE da autoria de Joaquim da Costa, natural de Garvão, publicado em 1940, sobre a Igreja e festa do São Barão, situada na Estrada do Saraiva, na confluência da freguesia de Ourique com a freguesia de São Martinho das Amoreiras.

Todos os anos, pela Primavera, quando a esteva mostra a branca flor de cális amarelo, estes lugares solitários e pitorescos de S. Barão, moradias próprias de águias e de lobos, se animam com a presença de gente que vem de muitas léguas de terras em redor. Conhecem-se pessoas dos arredores que, há mais de trinta anos são devotos de S.Barão, não propriamente do santo, valha a verdade, não da festa na ermida, mas verdade, verdadinha, daquela alegria das gentes, do arruído, dos petiscos, da rica pinga que espuma no copo e pica na língua, da pândega entre serras, da festa dionisiaca, pagã...

Ali vereis, todos os anos, o Salustiano de S. Martinho, que sabe como poucos imaginar e contar uma anedocta, e no canto a despique, quando lhe dá para isso, leva de vencida qualquer parceiro, por muito destro que seja; ali vereis o Marguilho de Garvão, com o seu cachimbo a deitar fumo que nem locomotiva trepando a serra, o Marguilho, bom camarada em romarias, amigo do seu amigo, mas sem ficar a ganhar nada ao Salustiano, que é menos hábil todavia no derrubar das perdizes em pleno voo.

Caras conhecidas a amigas de Garvão, S. Martinho, Colos, Ourique, dos rrontes da planície e dos casais da serra, ali se divertem, que tristezas não pagam dividas e a vida são dois dias...



Igreja de São Barão
(em ruínas)

Adília Pereira Coelho
TINTAS
DROGAS
FERRAGENS
MATERIAL PARA PESCA
Tel. 286 555 173 - Resid. 286 555 381
Rua do Álamo, 12 - GARVÃO

Kafé Snack - Bar
"NOVO RUMO"
Servem-se refeições e petiscos diversos
Telems.: 934 785 927 / 936 234 652
Rua do Álamo, N.º 11 ** 7670-136 Garvão





**Sr. José Prim Fernandes
faleceu em sua casa, no Barreiro,
dia 22/6/2023, aos 88 anos.**

RETRATO

I

A minha casa é um ninho,
Foi feita com devoção,
Moro aqui neste cantinho,
Meu doce lar em Garvão.

II

Neste cantinho que é meu,
Digo por palavras minhas,
Vivo, assim, como no céu,
Junto à minha querida Aninhas.

III

Meu quintal é um canteiro,
Tem cheirinho a hortelã.
Há coentros e poejos,
Com delicados odores.
Semeio tudo o ano inteiro,
Levo, aqui, uma vida sã.
Gente boa sem igual,
Que elogiam o meu “hortejo”
E as vistas em geral.

IV

Eu tive a sina traçada,
Minha história foi assim:
Tudo construí do nada,
Levo a vida como dantes.
Sou de apelido Fernandes,
Todos me chamam Zé Prim.

V

Agora vou terminar,
Esta escrita conseguida,
Gostaria de deixar,
Para a minha geração,
Uma verdade contida,
No fundo do meu coração:
Esta é a minha terra querida,
Nobre vila de GARVÃO.

Autor: Francisco José Alves

NOTA: O autor, após um jantar para que foi convidado, pediu autorização à Família reunida, para declamar este poema, no qual se retrata a vida repleta de trabalho e carinho deste nosso conterrâneo que muito amou a sua terra natal.



Sr. Idálio Ramos

Faleceu, dia 6 de junho 2023, Idálio Ramos, ex-presidente da Junta de Freguesia de Garvão, no mandato de 1997 a 2001.

Activo membro desta comunidade, mesmo depois de se estabelecer comercialmente no Montijo, na afamada “Pastelaria Mimosas”, desde 1973, tornando-a numa referência nesta cidade, sempre participou nas diversas actividades culturais da nossa Vila.

Durante muitos anos, foi o rosto visível das tradicionais Festas de Garvão, ora, como apresentador e animador, ora, como doador de várias ofertas, umas sorteadas pelos bilhetinhos na quermesse, outras, leiloadas em pleno palco por si, durante os espetáculos.

Ficará, certamente, na memória da população, como um amigo de Garvão que se perdeu. Memórias passadas, indissociáveis da história desta Vila. Que a sua dedicação e altruísmo sejam recordadas e que sirva, de exemplo, para as gerações vindouras.



Sr. José de Matos Cunha

Faleceu em Setúbal, dia 20/5/2023, com 82 anos, este conterrâneo que publicou alguma poesia neste Jornal. Em sua homenagem se divulga o seguinte poema:

Pelo Verão, espriavas o olhar pelos trigais.
Alegre, mergulhavas com os moços no pego do Azulão.
Do campo, trazias um ramo de alecrim e de papoilas.
E à noite, marcavas no bandolin o dançar das moçoilas.
Honraste as nossas gentes com a tua prestação:

Em palavras comoventes,
Do fundo do coração
Cantaste o Alentejo e
a nossa Vila - Garvão.

Por: Francisco José Alves



A FEIRA DE GARVÃO NO CANCIONEIRO POPULAR ALGARVIO

A feira de Garvão, deveria fazer, desde há uns bons tempos atrás, parte da vivência das gentes algarvias, principalmente da serra e da zona de Monchique, de onde ainda nos chegam lembranças das gentes mais velhas, da vinda à feira ou recordações dos seus pais e avós.

Da zona de Alferce para além de nos chegar a canção *Laurinda linda, Linda*, sobre as engenhosas respostas da esposa adúltera ao marido e tão amplamente difundida pelos meios de comunicação, *Ó Laurinda, Linda, Linda*, originária da zona de Monchique e que consta da recolha nacional, para a RTP e amplamente difundida, efetuada por Michel Giacometti e Fernando Lopes Graça, em 1962, no monte da Casa Velha, Alferce, Monchique. Igualmente, o intérprete de música popular alentejana, Vitorino, também a divulgou, apesar de, inexplicavelmente, ter trocado a letra e em vez de “Feira de Garvão”, canta “Feira de Marvão”, à revelia da história original desta música, da sua origem, do contexto social que a originou e da proximidade entre Alferce e Garvão, (ver mais desenvolvimento no jornal número 18), surge-nos igualmente a recolha de uma quadra, efectuada em 2003, por Ana Filipa Coelho Cabrita¹, com o título: *Os rapazes comparo eu*, dita por Maria Guerreiro Luís Coelho, de 68 anos, natural de Carvalho de Cima, Freguesia do Alferce, Concelho de Monchique, que aprendeu com os pais.

A difusão da feira na região de Monchique deveria ser amplamente reconhecida, pelo número de quadras e versos desta zona a respeito da feira de Garvão

*Os rapazes comparo eu,
Dou uma comparação.
É como os burros cansados
Lá da Feira do Garvão*

¹ IN: Elisabete Andrade Reis, *Contributo para o Estudo da Literatura Oral no Algarve*, Dissertação de Mestrado em Promoção e Mediação da Leitura. Faro, 2012.

Laurinda Linda Linda

**-Ó Laurinda, linda, linda!
És mais linda do que o sol!
Deixa-me dormir uma noite
Nas dobras do teu lençol.**

-Sim, sim, cavalheiro, sim!
Hoje sim, amanhã não.
Meu marido não está cá
Foi à feira de Garvão.

Onze horas, meia-noite
Marido à porta bateu.
Bateu uma, bateu duas
Laurinda não respondeu.

Ou ela está doentinha
Ou já tem um novo amor
Ou então procura a chave
No fundo do corredor.

-De quem é este chapéu
Debruado a galão?
-É para ti, meu marido!
Fi-lo eu por minha mão.”

-De quem é este casaco
Que ali vejo pendurado?
-É para ti, meu marido!
Que o trazes bem ganhado.

-De quem é este cavalo
Que na minha esquadra entrou?
-É para ti, meu marido!
Foi teu pai quem to mandou.

-De quem é este suspiro
Que ao meu leito se atirou?
Laurinda, que aquilo ouviu,
Caiu no chão, desmaiou.

-Ó Laurinha, linda, linda
Não vale a pena desmaiar.
Todo o amor que te eu tinha
Vai-se agora acabar!

-Vai buscar as tuas irmãs!
Trá-las todas num andor!
A mais linda delas todas
Há-de ser o meu amor.”

CONSTRUÇÃO REIS
de Dário Reis



- Montagem de tetos e paredes em pladur, madeira e PVC;
- Construção
- Pintura e impermeabilização

Telf. 926 539 301 - Email: darioreis1983@gmail.com

FUNERÁRIA ALENTEJANA
Funerais e trasladações para todo o país

Sede:
Rua Eng. Duarte Pacheco 1-3
Apartado 43
7690-909 Ourique
Tel - Fax 286 512 561
Email: funalentejana@sapo.pt

Joachim Gonçalves 938610895

Elio Guerreiro 969163670
932609540

Pedro Gonçalves 932609541

Filliais:
Centro Comercial
Vila Nova de Mil Fontes
loja 30 Cave
Rua Gago Coutinho 72
7665-820 Saboia
Tel - 263 892 117
Estrada Nacional
S. Luís
Odemira



SUSANA NOBRE

Estreou o novo filme - CIDADE RABAT

**Nas salas de cinema portuguesas, a 22 de Junho.
(Parte da obra foi filmada em Garvão)**

“Cidade Rabat”, o mais recente filme da realizadora Susana Nobre, estreou nas salas de cinema portuguesas no passado dia 22 de junho, depois da estreia mundial na 73ª edição do Festival de Cinema de Berlim e da estreia portuguesa no IndieLisboa 2023.

Cidade Rabat, conta a história de Helena, interpretada pela atriz Raquel Castro, uma mulher de 40 anos que acaba de perder a sua mãe. O luto de Helena, na relação, por vezes, vertiginosa com o seu quotidiano, ganha um significado e valor inesperados.

A intimidade com as circunstâncias da morte produz em Helena o sentimento de que a vida passa rapidamente e que os dias sucedem-se num piscar de olhos. Helena é investida por sentimentos contraditórios. Se por um lado observa a precariedade da vida, na certeza da sua finitude, por outro, esta é vivida num estado de euforia, de querer, participar na alegria do mundo. Helena, aceita o que se lhe apresenta e encontra essa alegria no que lhe é mais pessoal - afirma Susana Nobre, realizadora de longas-metragens como *No Táxi do Jack (2021)*, *Tempo Comum (2018)*, *Vida Activa (2013)*, *O Que Pode um Rosto (2003)* e de curtas-metragens como *Provas, Exorcismos (2015)*, *Lisboa-Província (2010)* ou *Estados da Matéria (2005)*.

Cidade Rabat é uma produção da Terratre em coprodução com a produtora francesa Kinoelektron.

Trailer aqui: <https://youtu.be/uXInUHdxgr8>



Filmagens na Casa Paroquial de Garvão

FÁBRICA DO MEL

Obras paradas

No último Jornal noticiou-se a construção de uma fábrica de mel em Garvão, contudo, vários anos depois este projecto continua sem avançar.

Aquilo que no entender dos responsáveis autárquicos seria: *um importante activo industrial do concelho que contou com o apoio do Município de Ourique numa lógica de facilitação da concretização de investimentos privados que contribuam para a criação de emprego, a geração de riqueza e a valorização sustentada do Mundo Rural.* (In: *Passos do Concelho, 2018*), continua, cinco anos depois dessa publicação, sem data prevista para a sua efectiva laboração.

FÁBRICA de tijolos de cânhamo

A empresa portuguesa Cânhamor vai instalar uma unidade fabril de produção de tijolos de cânhamo, na freguesia de Garvão, criando 30 novos postos de trabalho.

A Cânhamor é a primeira e única fabricante de blocos de cânhamo e cal da Península Ibérica, até agora sediada em Odemira; vai instalar a sua unidade de produção de materiais naturais e sustentáveis para a construção civil na área industrial de Garvão, no concelho de Ourique.

A nova unidade, vai ser instalada num terreno com 36.457,44 m² na freguesia de Garvão, cedido pela Câmara de Ourique, onde a Cânhamor vai produzir tijolos de cânhamo, considerados “uma alternativa ecológica, com propriedades térmicas e acústicas duráveis e resistentes, comparativamente com os métodos de construção tradicionais”.

